

## CONSUMO

## Economia circular gira com brechós

Preço baixo e reciclagem são fatores para a compra de roupas de segunda mão

» FERNANDA STRICKLAND  
» VITÓRIA TORRES\*  
» MARINA DANTAS\*

O mercado da moda atravessa uma nova transformação, impulsionada pelo crescente interesse na economia circular e no desenvolvimento sustentável. O conceito central é manter os recursos em circulação pelo maior tempo possível, visando evitar o desperdício, a extração excessiva de recursos naturais e a geração de resíduos. Do ponto de vista comercial, os brechós têm mostrado viabilidade, impulsionados por um mercado em ascensão e pelo interesse crescente em sustentabilidade.

Os brechós desempenham um papel na moda circular, oferecendo uma opção mais acessível para aquisição de novos looks. É uma oportunidade para quem quer vender ou comprar roupas usadas com custo menor, em comparação com produtos novos. Os consumidores não apenas economizam, mas também contribuem para a redução do descarte desnecessário de peças.

Conforme dados de estudo sobre Moda Sustentável do Boston Consulting Group (BCG), realizado em parceria com a Enjoei, atualmente, 70% dos compradores de brechós afirmam gostar do fator sustentável que ronda o consumo — aumento de 12 pontos percentuais comparado aos 62% registrados em 2018.

Quem compra peças de segunda mão quer ter menos itens, porém, de maior qualidade, além de valorizar as peças que já estão no guarda-roupa e de minimizar o consumo excessivo. Um dos maiores motivos pelo qual a venda de peças usadas cresceu nos últimos anos é a facilidade de passar adiante roupas que estão paradas, com 38% das respostas da pesquisa do BCG. Em seguida, o fato de liberar espaço no guarda-roupa aparece com 34%, e a jornada sustentável ao vender tais roupas antigas, com 29%.

O levantamento revela também que 56% dos brasileiros declararam já terem feito ao menos uma transação, de compra ou venda, de artigos usados. Nas projeções, o mercado de itens usados pode crescer de 15% a 20%, ultrapassando o valor do segmento de fast fashion até 2030. Em contrapartida, 44% dos entrevistados não compram e nem vendem artigos de segunda mão. Foram entrevistados três mil brasileiros e brasileiras em todo o país.

Jovens como a estudante Beatriz Vieira, 18 anos, optam por uma abordagem mais econômica e consciente ao escolherem brechós como destinos para suas compras. Ela destaca a disparidade de preços entre as lojas de departamento e os brechós, compreendendo a realidade financeira dos que buscam opções mais acessíveis. “Somos muito consumistas, isso se reflete na indústria da moda. As roupas são feitas de um dia para o outro para atender as tendências que mudam em questão de dias, e acaba gerando um acúmulo de peças que são destacadas”, afirma.

Para Beatriz, a oportunidade de adquirir peças de segunda mão a preços mais baixos é um fator decisivo, permitindo-lhe economizar de maneira considerável. Ela reconhece a importância ambiental de não contribuir para o ciclo de produção acelerada da indústria da moda. “Comprar roupas de segunda mão é importante, porque contorna o problema ambiental, reutilizando peças que poderiam fazer parte de outro acúmulo de lixo. A indústria têxtil é uma das que mais poluem”, completa.

A também estudante Júlia Oliveira, 18, compartilha a confiança de encontrar itens de qualidade a preços acessíveis em

## Moda sustentável

Estudo do BCG mostra alguns motivos para que a venda de roupas usadas tenha um crescimento entre os clientes



## Compra e venda

A pesquisa mostra também que 56% dos brasileiros declararam já ter feito ao menos uma transação (compra ou venda) de artigos usados

44% Não compram ou vendem  
23% Compram e vendem  
29% Só compram  
4% Só vendem



Fonte: Boston Consulting Group (BCG)

brechós. Ela vê o consumo da moda circular como uma forma de movimentar um comércio independente, ao mesmo tempo em que alivia o peso financeiro em seu bolso. “Com R\$ 100 eu compro três peças em um brechó. Em uma loja de departamento, compro metade de uma blusa. É bom movimentar um comércio independente e não pensar tanto no meu bolso”, afirma.

Ambas concordam que suas escolhas não são apenas por finanças, mas também contribuem para um ciclo mais sustentável e ético no consumo. A conscientização ambiental cresce, e a decisão de adquirir peças de segunda mão reflete um estilo de vida mais responsável.

## Pilares-guia

Como consequência, modelos de negócio que são parte da economia circular se tornaram pauta dentro das discussões referentes às alterações climáticas e à poluição ambiental causada pelas produções industriais. Ao buscar alternativas para diminuir a produção de novos itens, a ressignificação de usados e a mudança de mentalidade dos consumidores são consideradas pilares-guia na transformação do mercado de moda.

Um exemplo desse modelo de negócio é o Peça Rara Brechó, que tem se destacado muito nos últimos anos. Bruna Vasconi, CEO e fundadora da empresa, explica que a economia circular não é só utilizar uma peça ou item por várias pessoas, mas é um novo modo de pensar, é a redefinição de consumo, de um estilo de vida. “Foi dessa percepção que nasceu o coração de nosso negócio: não apenas um brechó, mas um modelo que conecta fornecedores e novos consumidores em um ciclo virtuoso no qual recursos não são desperdiçados, mas retomam seu uso”, esclarece.

“Dessa forma, geramos valor para o fornecedor que recupera parte do investimento realizado e não deixa sua roupa ou objeto parado (podendo até comprar

outro item de segunda mão) e para o comprador, que tem acesso a itens de qualidade, muitas vezes até de marcas reconhecidas, a um preço mais acessível”, acrescenta Vasconi.

A empresária ressalta que o G7 — grupo das sete economias mais industrializadas do planeta (Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Canadá e Itália) — criou o acordo Fashion Pact, que vai reunir marcas dos mais diversos perfis dentro da indústria têxtil, se comprometendo a agir de forma mais eficiente em prol do meio ambiente. “Entre as iniciativas que serão seladas nesse pacto estão a eliminação de plásticos de uso único, a utilização de fontes de energia renovável, a promoção de práticas de agricultura regenerativa e reciclagem de tecidos, frear o aquecimento global, a restauração da biodiversidade e a proteção dos oceanos”, explica.

Vasconi destaca ainda que a indústria têxtil é caracterizada pelo grande volume de água necessária para as operações e pela quantidade considerável de produtos químicos utilizados em diversos processos, gerando muitos fluxos de resíduos (líquidos, gasosos e sólidos). “Embora o resíduo específico dependa do tipo de instalação têxtil de onde provém, estima-se que em 2015 a indústria da moda foi responsável por quase 79 bilhões de metros cúbicos de água consumida, 715 milhões de toneladas de emissões de CO<sub>2</sub> e 92 milhões de toneladas de resíduos”, pontua.

Para Deborah Secco, atriz e sócia do Peça Rara Brechó, as pessoas aprendem com exemplos. Então ensinar aos nossos filhos que se eles querem algo novo, por exemplo, precisamos doar algo antigo é um primeiro passo. “A economia financeira deveria ser ensinada na escola”, ressalta.

Segundo a atriz, um dos maiores desafios é o preconceito. “Graças a Deus isso está mudando. Hoje já é permitido que eu vá num evento com uma roupa repetida ou emprestada. Então,

vamos nos libertar e usar mais vezes uma peça, ressignificar outra indo a um brechó para vender ou comprar peças”, frisa.

Em um recorte regional, na opinião de Isabelly Monteiro, dona do Singular Brechó, situado em Brasília, explorar o mundo da moda circular permite uma nova visão de consumo mais consciente de roupas, indo contra os ideais do fast fashion. “A moda circular nos mostra que é possível se vestir bem, se expressar e consumir de forma sustentável por meio de brechós e marcas autorais. Consumir de brechó é respeitar o nosso planeta”, analisa a empresária do Distrito Federal.

O impacto dos brechós pode ir além de dar um novo lar para itens usados. “Existem outros processos que podem valorizar ainda mais as peças, são os processos de customização e up-cycling, que é transformar uma peça que realmente não dá para curar em um novo produto. Fazendo com que seu ciclo prevaileça e que ao pensar em descartar aquele tecido ou material, nós conseguimos mostrar as diversas possibilidades de produtos novos”, explica Monteiro.

Na capital federal, o ramo de brechós vem se consolidando cada vez mais. “As feiras do DF, inclusive o Ao Desapego, evento que reúne diversos brechós brasilienses e que acontece no Conic, consegue reunir diversas pessoas e mostrar como o mercado circular pode ser o futuro da moda”, afirma. O consumo consciente e a ascensão dos brechós em território brasileiro são fenômenos que podem mudar o cenário da moda e ajudar na diminuição de poluição produzida pela indústria têxtil. “Ainda existem muitos tabus em relação a brechós, muitas pessoas não entendem desse mercado e desvalorizam, mas o público que valoriza está crescendo cada vez mais... e isso é encantador!”, complementa Isabelly Monteiro.

\*Estagiárias sob a supervisão de Rosana Hessel

## Brasil S/A

por Antonio Machado



machado@cidadebiz.com.br

## A visão embaçada

“Este país já poderia estar consagrado como a quinta economia do mundo há muito tempo, mas há muita gente neste país que teima em retroceder”, disse o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), na quinta-feira, no Recife, ao abrir o ciclo de viagens para se aproximar do eleitor e tentar ampliar as chances dos candidatos do PT nas eleições municipais.

Hoje, no monitoramento do Fundo Monetário Internacional (FMI) dos resultados econômicos de cada país em 2023, o produto interno bruto (PIB) do Brasil subiu para a 9ª posição, em dólar corrente, ultrapassando o Canadá (10ª maior economia). Mas, se tivéssemos mantido o mesmo peso no PIB global que detínhamos em 1980, nossa economia equivaleria à da Inglaterra — US\$ 3,3 trilhões, 6ª maior PIB do mundo —, em vez dos US\$ 2,16 trilhões projetados para 2023. E a renda per capita seria próxima à de Portugal, de US\$ 22.500, mais do que o dobro do estimado para 2023.

Na verdade, poderíamos estar com desempenho mais próximo da China em termos industriais, considerando que o ponto de partida chinês, em 1978, coincide com a inflação do nosso desenvolvimento, que se estendia desde início dos anos 1950, abatido pelo choque da dívida externa devido à inflação nos Estados Unidos e dos juros excepcionais de dois dígitos do Federal Reserve (Fed, o banco central dos EUA). Veio a moratória da dívida, e nunca mais recuperamos o modelo de crescimento acelerado que inspirou a industrialização da China e da Ásia em geral.

Nossa desindustrialização começa aí, sufocada, crescentemente, por programas de ajustes fiscal que deveriam ser temporários, tal como a reforma monetária de 1994, que extirpou o financiamento inflacionário das finanças públicas, mas depois disso ninguém mais se importou com as taxas de juros sem igual no mundo com as quais, é preciso reconhecer, nos acostumamos como sapo em água morna.

Lula foi ligeiro em sua crítica. Vindo do governante cujo partido está à frente do governo federal há 17 anos, incluindo o terceiro mandato iniciado ano passado, a declaração sugere autocrítica. Mas não foi isso. Ele culpou a privatização da Eletrobras e a razia do setor de infraestrutura e da Petrobras pelos juizes e procuradores da Lava-Jato pela estagnação econômica que só não é plena graças às exportações do agro, de minérios e petróleo, commodities que geram dólares mas contribuem pouco para o emprego e os impostos.

## O que engripa o progresso

Entende-se que Lula queira reescrever a história. Há, de fato, muitas injustiças em sua trajetória, como a prisão em 2018, para tirá-lo do pleito presidencial pelo juiz que viria a ser ministro do presidente eleito, e a recusa de Dilma Rousseff, em 2014, de lhe ceder a legenda em vez de disputar a reeleição. Só que isso é com ele.

Com o país, provavelmente, terá maior sucesso se souber desatolar o medíocre desempenho da economia, permitindo com isso a redução da pobreza endêmica amenizada com políticas sociais. Levando o país à posição de destaque que já teve, quando puxado pelo que hoje nos falta — indústria forte, dinâmica e competitiva. Nesse sentido, as falas do presidente em Pernambuco são promissoras. Dependendo dele a compreensão do que engripa o progresso no Brasil.

A esse respeito há um artigo recente que compara Brasil e Coreia do Sul pela ótica do que fracassou para nós e funcionou para o minúsculo país dividido e arrasado pela guerra nos anos 1950 com a metade apartada pela mais radical versão do comunismo. *Why did Korea get rich while Brazil stagnated* é o título do ensaio de Jean van de Walle, professor da Stern, escola de negócios da New York University, e estrategista de investimentos da Sycamore Capital.

Destaco dois trechos. “Coreia do Sul e Brasil seguiram caminhos de desenvolvimento semelhantes até meados da década de 1980”, ele descreve. “Depois, separaram-se, com a Coreia do Sul ascendendo ao clube das nações ricas, enquanto o Brasil definhou na ‘armadilha da renda média’. A Coreia percorreu o árduo caminho de escalar as cadeias de valor e conquistar mercados globais para as exportações de produtos manufaturados; o Brasil desindustrializou-se e voltou à sua dependência histórica das commodities.”

Essas trajetórias divergentes fizeram toda a diferença.

## Quando começa a decadência

Em 1982, ano em que a Coreia passou o Brasil em termos de PIB per capita, ambos tinham níveis semelhantes de industrialização (com o Brasil pouco à frente). Apoiados em modelos parecidos de política industrial, poupança forçada e empréstimos dirigidos, dominaram as indústrias básicas (aço, petroquímica, cimento etc.), a produção em massa (automóveis, eletrodomésticos etc.) e fizeram progressos importantes em bens de capital (máquinas e equipamentos).

Uma década depois, a situação mudou dramaticamente, destaca Jean van de Walle. “O Brasil experimentou uma redução significativa no seu índice de valor agregado industrial sobre o PIB entre 1984 e 1994. Esse período coincide com a aprovação da nova Constituição liberal no Brasil, volatilidade econômica e hiperinflação, e a crença generalizada de que políticas industriais e protecionismo do regime militar geraram oligopólios ineficientes e mimados.”

## Opção ao siricutico fiscal

A hegemonia da era neoliberal no mundo explica os desdobramentos das nações — seguida no Brasil e ignorada pela Coreia. Resultados: em 1985 a Coreia, com economia inferior à metade do nosso PIB, já exportava mais que o Brasil. E, com um quarto da população, tem mais “consumidores” domésticos e aumenta o seu consumo a um ritmo mais rápido. Fosse diferente em igual proporção, não haveria razão do Bolsa Família. E a própria educação, que Lula disse ser a causa do sucesso da China, progrediu por gravidade.

Em 2003, os consumidores de classe média, conforme o conceito do Banco Mundial, eram 35 milhões no Brasil e 39 milhões na Coreia. Em 2023, 42 milhões aqui e 48 milhões lá. Mas quem entre eles têm perfil para o mercado de consumo de massa? A resposta define o jogo.

Se nós aplicarmos em discutir essas questões, deixando de lado o siricutico dos temas fiscais, será mais fácil perceber a saída do descaminho em que estamos, separar o que é ideologia do que é apenas bom senso e, talvez, reencontremos o desenvolvimento. Pela esquerda, se o presidente estiver disposto a ouvir mais. Ou pela direita moderna, que parece ter entendido o caminho da glória.